

Pecado na Sacristia: Padres, Freiras e Santos na Boca do Lixo¹

André Gustavo de Paula EDUARDO²

Genio NASCIMENTO³

Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

Resumo

Este artigo tem como objetivo o estudo e compreensão da representação de figuras religiosas no antigo polo cinematográfico da Boca do Lixo. Interessa aqui, através da análise de filmes com conteúdos ou figuras religiosas da Boca, entender de que maneiras padres, freiras e figuras associadas ao sagrado foram representadas, com quais sentidos e finalidades, e qual sua importância dentro da história do cinema brasileiro.

Palavras-chave: Cinema brasileiro; Boca do Lixo; religião; pornochanchada

A Boca do Lixo, o profano e o sagrado

A partir de fins da década de 1960, formou-se na região central de São Paulo – mais precisamente na Rua do Triunfo e cercanias – um autêntico polo cinematográfico, que se configuraria num capítulo à parte na história do cinema brasileiro. Na região conhecida como “Boca do Lixo”, instalam-se produtores como Antonio Polo Galante, que participariam decisivamente no financiamento de um cinema quase sempre comercial e popular. Esse momento coincide com a gradual consagração junto ao público de uma nova onda de chanchadas, dessa vez mais erotizadas, com a presença do nu feminino e quase sempre voltadas para um público masculino, frequentemente com caráter de “exploração”. Segundo Cánepa (2009, p. 12-13), o auge da linhagem do “cinema de exploração” no Brasil ocorre nos anos 1970, tendo a Boca do Lixo como principal polo produtor de um cinema *sexploitation*. *Vidas nuas*, primeiro longa-metragem dirigido por Ody Fraga, produzido por Galante em 1967, história confusa e remendada com duas cenas de *striptease* seria o precursor dessa nova tendência – a pornochanchada –, que em poucos anos já disponibilizava “clássicos” como *Os paqueras* (1969), de Reginaldo Faria, *A super fêmea* (1973), de Sílvio de Abreu, entre vários outros. A Boca do Lixo, assim, se funda sobretudo como local de produção de comédias eróticas, embora seja necessário

1. Trabalho apresentado no GP Cinema do XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2. Doutorando em Comunicação pela Universidade Anhembi Morumbi-SP. Mestre em Comunicação pela Unesp-SP. E-mail: agpe13@yahoo.com.br.

3. Doutorando em Comunicação pela Universidade Anhembi Morumbi-SP. E-mail: genionascimento@gmail.com

evitar a confusão entre “Boca do Lixo” e seu gênero principal, a pornochanchada. Esta, foi produzida em diversas partes do Brasil, em durante o mesmo período, tendo como destaque, por exemplo, cineastas do Rio de Janeiro como Carlo Mossy e Victor di Mello; e a Boca produzia filmes de gêneros diversos, entre os quais os faroestes de Tony Vieira, os policiais de Francisco Cavalcanti e David Cardoso (galã-ícone das comédias eróticas, mas também figura presente em outros gêneros, como produtor e diretor) e até mesmo filmes tidos como “intelectuais”, caso de *Império dos sentidos* (1980) de Carlos Reichenbach. Mestres como Walter Hugo Khouri também tiveram produções bancadas pela Boca, como *O prisioneiro do sexo* (1979) e *Eros, o deus do amor* (1980). A uma nova geração de profissionais que surgia associada à Boca, sobretudo diretores promissores como Jean Garrett ou Fauzi Mansur, se juntavam profissionais do cinema de outros tempos, oriundos de antigas produtoras como a Vera Cruz ou a Atlântida ou com trânsito frequente no mundo da televisão – assistentes de direção, fotógrafos, montadores, roteiristas, sem falar nos atores.

Apesar da imensa diversidade de gêneros localizável nos filmes produzidos na Rua do Triumpho⁴, a maioria das produções da Boca focava nas comédias eróticas; daí a constante crítica do gênero, tido como “despolitizado”, “alienante”, “vulgar”. E ano após ano, com a transição do governo Médici para a abertura política prometida por Ernesto Geisel, os filmes passam a testar a censura, inserindo mais nudez, simulações de sexo e títulos mais ousados: *Na violência do sexo* (1978), *Torturadas pelo sexo* (1978), *Me deixa de quatro* (1981) etc. Em 1981 surge *Coisas eróticas*, dirigido por Rafaele Rossi, polêmico divisor de águas da Boca, sendo o primeiro filme brasileiro de sexo explícito a passar nos cinemas, liberado em 1982 mediante mandado de segurança e com mais de 5 milhões de espectadores. Nessa época, a Rua do Triumpho já tinha uma geração conhecida de diretores associados ao local – Ody Fraga, Alfredo Sternheim, Jean Garrett, David Cardoso, Fauzi Mansur, Cláudio Cunha, Tony Vieira, e quase todos migrarão para o filme de sexo explícito ou terão suas carreiras interrompidas.

Noutras palavras, não poderia haver ambiente mais profano, ao menos se tomarmos como parâmetro uma perspectiva religiosa. E os temas da produção da Boca do Lixo, para além da pornochanchada, em raríssimas ocasiões abarcavam o religioso e o sagrado. Há uma importante produção de horror, em que nos deparamos mais o

4. Grafia antiga, bastante presente na região até poucas décadas atrás.

sobrenatural do que propriamente com o religioso – Jean Garrett, Fauzi Mansur e John Doo possuem ótimos exemplares do gênero. Assim, personagens religiosos, via de regra, apareciam em papéis pequenos, *en passant*, imperceptíveis. E os papéis mais relevantes, ou ainda, papéis pequenos mas carregados de certos sentidos importantes e que interessam a este artigo, ora político, ora elogioso, ou mesmo aliado à estética da pornochanchada, surgirão numa amostra de filmes aqui comentados. Ody Fraga, provavelmente, foi o maior dos satiristas da religião na Boca. A sátira a religiosos, notadamente católicos, estará presente em parte de filmes que tiveram sua participação seja como roteirista, seja como diretor. Fraga, aliás, sempre foi tido como “mentor intelectual” da Boca do Lixo.

Articulado, Ody Fraga possuía um nível cultural acima da média da Boca do Lixo(...). Por sua vivência e capacidade de lidar com dramaturgia, era considerado uma espécie de ideólogo do grupo, o que o levou à condição de liderança informal. Plenamente engajado na prática de um cinema com vocação comercial, ficou identificado, malgrado ele, com o rótulo de diretor de pornochanchadas. Num período de quase 15 anos, participou como roteirista e/ou diretor de cerca de 60 filmes. De todo modo, é como roteirista “de aluguel” que marcou sua presença Boca paulista. (ABREU, 2002, p. 82)

Personagens religiosos surgirão em filmes que dirigiu, como *Palácio de Vênus*, ou roteirizou – caso de *Pornô!* Em uma de suas últimas obras, o explícito *Senta no meu que eu entro na tua* (1985), não deixa de ridicularizar um padre, assustado com uma vagina falante. Por exemplo, é seu o roteiro de *A fábrica de camisinhas* (1982, Ary Fernandes), em que satiriza a igreja católica através da figura de um seminarista. Assim, além das obras que tem a marca de Ody Fraga – no caso *Palácio de Vênus* e *Pornô!* escolhemos filmes de outros cineastas produzidos pelo polo da Boca do Lixo, não importando seu gênero, a fim de realizar este trabalho: *A freira e a tortura*, de Ozualdo Candeias; *Escola penal de meninas violentadas*, de Antonio Meliande; *O dia em que o santo pecou*, de Cláudio Cunha; e *Padre Pedro e a revolta das crianças*, de Francisco Cavalcanti. Todos, de alguma maneira, contém personagens religiosos e são produções de gêneros distintos em que a representação do sagrado se dá de formas variáveis, ora com teor político e a referenciar o contexto histórico de um país sob regime militar; ora em tom satírico, também questionador de autoridades; ou mesmo em tons menos provocativos e, por assim dizer, “heroicos”, como em *A freira e a tortura*, ou ainda em tentativa de se aproximar de um gênero infantil, caso de *Padre Pedro*.

Religião no cinema brasileiro

É possível encontrar assuntos religiosos no cinema brasileiro provavelmente desde sua existência, e ainda nos tempos do cinema mudo. No entanto, boa parte da produção mais antiga do cinema brasileiro, notadamente a da *belle époque* entre 1908 e 1911 (BERNARDET, 2008, p. 31-33) desapareceu com o tempo. Encontramos assuntos tangenciais em filmes como *O jovem tataravô* (1936), de Luís de Barros, em que podemos reconhecer aspectos do espiritismo. Papéis de destaque virão décadas depois, como em *O pagador de promessas* (1962), de Anselmo Duarte, que retrata um padre como conservador, intolerante. *O padre e a moça* (1965), de Joaquim Pedro de Andrade traz os dilemas de um jovem padre apaixonado – aqui, estamos no contexto do Cinema Novo. Também padres surgirão em filmes fundamentais da época, em papéis menores – caso de *Deus e o diabo na terra do sol* (1964) e *Terra em transe* (1967), de Glauber Rocha; ou ainda, com maior destaque, em *A hora e a vez de Augusto Matraga* (1965), de Roberto Santos. Há filmes mencionáveis, como *O santo milagroso* (1966) e *A madona de cedro* (1968), ambos de Carlos Coimbra, e *O jeca e freira* (1968), de Amácio Mazzaropi, ou ainda *Jesus Cristo, eu estou aqui* (1971), de Mosael Silveira (com o humorista Costinha no papel vestindo a batina), e também *Pecado na sacristia*⁵, dirigido por Miguel Borges em 1975. *Pureza proibida* (1974), de Alfredo Sternheim, voltará a um problema semelhante ao de *O padre e a moça*, mas tendo uma freira como protagonista. Este filme é um dos mais importantes títulos a envolver figuras religiosas, mostrando a paixão entre uma freira (Rossana Gussa) e um pescador (Zózimo Bulbul), com a colaboração do padre interpretado por Carlo Mossy. No entanto, não entra em nosso *corpus* de análise por ser uma produção da Embrafilme, embora o nome de Alfredo Sternheim seja muito associado a sua produção na Boca do Lixo.

Ainda assim, podemos considerar que a produção cinematográfica brasileira voltada para assuntos religiosos é pequena, e quando figuras religiosas ou sagradas surgem, quase sempre são um motivo para algum outro tema que não necessariamente o religioso. O assunto religioso como tema centra será explorado em filmes recentes, como *Maria, mãe do filho de Deus* (2003), caso de filme que Vadico (2015) aponta como pertencente não a um suposto gênero de “filme religioso”, mas a um campo do filme religioso.

5. De onde retiramos o título deste artigo, embora o filme não pertença ao *corpus* analisado.

Para se abarcar o universo do filme religioso necessitamos de um outro conceito, um que inclusive abrigue o de gênero – e dê conta dos diversos gêneros que ele possui em si – e que ainda esteja no horizonte da produção de objetos midiáticos massivos (...). Notamos a necessidade de se pensar este conjunto de produtos como um campo, um campo de expressão e manifestação do religioso (VADICO, 2015, p. 24).

No cinema da Boca do Lixo, não encontraremos filmes dentro da ideia de campo religioso defendida por Vadico; e não será tão simples encontrar exemplares no cinema brasileiro como um todo. *Maria, mãe do filho de Deus* (2003), dirigido por Moacyr Góes⁶, será um bom exemplo, produto massivo com temática religiosa e militante, visando despertar emoções ligadas ao mundo religioso, além de dotados de um aspecto religioso que represente parcela importante do país em que foi produzido (VADICO, 2016, p. 32-34). No cinema brasileiro dos últimos anos, essa produção tem aumentado, entre filmes católicos, evangélicos e espíritas. Porém, via de regra, apesar da imensa importância da religião na cultura brasileira, seu reflexo no cinema enquanto protagonista das narrativas e assunto principal pode ser considerado pequeno.

Em geral, o cinema brasileiro fica longe das questões religiosas. Isso sempre me causou estranheza, já que a religiosidade neste país borbulha por todos os lados. Elementos religiosos diversos abundam nos filmes brasileiros, mas sempre como referência fragmentária e mal desenvolvida, e em geral, sem a pretensão mesmo de serem desenvolvidos. Aparecem como elementos de pano de fundo ou fazem parte efetiva das histórias contadas, mas não são o assunto. (VADICO, 2016, p. 30-31)

Se o campo do filme religioso tem poucos representantes no cinema brasileiro, o assunto vez ou outra aparece, ora ou outra com algum protagonista; assim, não há surpresas na presença da religião em filmes produzidos na Boca do Lixo, boa parte pornochanchadas. Mas o assunto nunca será o principal, nem mesmo quando os protagonistas são religiosos (caso de *Padre Pedro e a revolta das crianças*). Estereótipos e caricaturas serão algo constante nas representações da Boca do Lixo, em geral propositais⁷. Um padre surgirá em *A árvore dos sexos* (1977, Sílvio de Abreu), como mera caricatura conservadora. Em *A fábrica de camisinhas* (1982), dirigido por Ary Fernandes e roteirizado por Ody Fraga, um seminarista deverá assumir a direção de uma

6. O diretor voltará ao assunto em *Irmãos de fé* (2004). Ambos os filmes têm participação do Padre Marcelo Rossi.

7. Prosegue Vadico (2016, p 31): “No que toca ao cristianismo, geralmente é a estereotipação clássica: aparecem personagens carolas, padres levianos ou excessivamente moralistas”.

fábrica de preservativos, e decide fabricar chupetas e bicos de mamadeira no lugar de camisinhas. Ody Fraga exercita neste filme uma de suas marcas: o ridículo da Igreja Católica e a sátira de religiosos, padres, sacristães, freiras, seminaristas. Dentre os roteiristas e diretores da Boca, será provavelmente aquele que mais se dedicou a esse “esporte”, como veremos.

Pornochanchada na Boca: religião em *Pornô!* e *Palácio de Vênus*

Lançado em 1981, *Pornô!* foi um projeto coletivo, coletânea de três curtas, todos escritos por Ody Fraga. David Cardoso⁸ dirige e protagoniza, ao lado de Matilde Mastrangi, o segmento *O prazer da virtude*. Um dos melhores exemplos da produção da Boca do Lixo em misturar comédia e religião. O *plot* é o mais econômico possível: o *bon vivant* Romano (David Cardoso) quer realizar seu fetiche sexual e pede a sua companheira Ilona (Matilde Mastrangi) que se vista de freira “para desfrutar os prazeres da virtude”. Após ela vestir o hábito, ele se ajoelha e pede para “adorar a santa”. Música religiosa ao fundo, acentuando o tom de escracho. O sagrado, aqui, cede espaço ao profano; o mais carnal dos prazeres só tem sentido para o personagem com as roupas de freira.

Imagem 1 – Ilona: “só se eu for uma santa p*ta”



Fonte: *Pornô!*. Produção: David Cardoso, Brasil, 1981.

Identificamos, assim, o *ridículo da fé* como característica pontual em algumas produções da Boca, sobretudo as comédias com argumento e roteiro de Ody Fraga. Em seu *Palácio de Vênus*, que além do roteiro é dirigido por Fraga, a brincadeira vai além. Neste filme, temos o cotidiano de um bordel, e em dada altura, as prostitutas decidem por

8. David Cardoso produziu *Pornô!*. Os demais episódios foram dirigidos por Luiz Castellini (*As gazelas*) e John Doo (o clássico *O gafanhoto*)

realizar uma greve. Há um forte sentido político no filme, realizado à época do renascimento sindical brasileiro, em fim dos anos 1970. O diretor se refere a *Palácio de Vênus* como obra de conteúdo autoral.

Eu tenho que fazer o roteiro dentro do próprio universo de quem encomendou. Algumas vezes, dependendo do caso, eu introduzo uma ou outra coisa elaborada. Nos roteiros em que os argumentos são meus, por exemplo o *Palácio de Vênus*, eu introduzo uma série de coisas minhas. (FRAGA, 2010, p. 42)

Dentre as grevistas está Débora (Helena Ramos), prostituta ultracatólica, que dedica seu tempo a tentar “salvar as almas” das irmãs e alertá-las para os “pecados da carne” (numa condição cômica naturalmente paradoxal, pois não deixa de ser uma meretriz). “Usar o sexo como prazer é perversão da lei divina”, afirma Débora. Seu principal cliente é um sacristão da “FTP”, alusão à organização conservadora Tradição, Família e Propriedade (TFP), e o contato sexual se dá numa cena quase surreal, com sinos de igreja, velas e música sacra ao fundo. Novamente, Ody Fraga se vale sobretudo de sua capacidade de criar diálogos cômicos, seu principal mérito enquanto roteirista e cineasta. O escracho da religião se alinha, neste filme, com o tom de contestação das autoridades, e o sentimento do diretor de retratar um fato importante da época, as greves sindicais. Fraga já havia realizado *Reformatório das depravadas* (1978), clássico *WIP*, e *E agora José – tortura do sexo* (1979), ambos precursores ao tratar de assuntos delicados para a época, como a tortura e presos “subversivos”. Antes de *Palácio de Vênus*, dirigiu *A dama da zona* (1979), filme que se apresentava como “com muita abertura”, no qual crítica o Milagre Econômico tão propagado pelo regime dos militares.

Imagem 2 – Sacristão e Débora se encontram no bordel. Sátira à TFP.



Fonte: *Palácio de Vênus*. Produção: M. Augusto de Cervantes, Brasil, 1980.

Imagem 3 – Sexo “sacro”, com direito a badalos do sino.



Fonte: *Palácio de Vênus*. Produção: M. Augusto de Cervantes, Brasil, 1980.

Freiras no *Woman in Prison* e a crítica frontal à tortura

A partir da segunda metade da década de 1970, o subgênero *Woman in Prison* (WIP) aporta no Brasil, em geral com produção de Antônio Polo Galante. Os códigos básicos desses filmes seriam os mesmos dos já realizados na Europa: presídios, reformatórios, até mesmo currais ou cavernas⁹, em que mulheres são punidas e abusadas, quase sempre implicando em alguma rebelião ou algum evento similar¹⁰. *Presídio de Mulheres Violentadas* (1977), de Osvaldo de Oliveira¹¹, apresenta detentas vítimas de crueldades dos diretores da prisão. Outro exemplar importante do período é *Internato de Meninas Virgens* (1977), também dirigido por Osvaldo de Oliveira, com um *plot* semelhante. Ody Fraga realizaria uma autêntica obra-prima neste subgênero, *Reformatório das depravadas* (1978), no qual alegoriza o regime militar e cita a tortura, “subversivos”, agentes da repressão. As freiras surgirão em *Escola penal de meninas violentadas*¹² (1977), de Antônio Meliande, em um filme repleto dos códigos WIP, mas que carrega um curioso conteúdo político: a referência à prática da tortura num momento da história do Brasil em que o cinema simplesmente não podia tocar no assunto¹³.

9. *Curral de mulheres* (Osvaldo de Oliveira, 1982); em *Torturadas pelo sexo* (Tony Vieira, 1980), há um diálogo com os filmes WIP. As moças, escravizadas, são presas em uma caverna.

10. Caroline Leme (2011, p.23) alerta para o caráter misóginico dessas produções, nas quais as mulheres são constantemente violentadas.

11. Luiz Castellini era o diretor inicialmente, mas deixou a direção da película por desacordos com A. P. Galante, quando já havia realizado aproximadamente 70% do trabalho. Osvaldo de Oliveira teve que finalizá-lo (ABREU, 2002, p.146).

12. Antônio Polo Galante, além de produzir o filme, escreveu o argumento.

13. Situação que mudaria anos depois, com precursores como *E agora José? Tortura do Sexo* (1979), de Ody Fraga e Paula, *história de uma subversiva* (1980), de Francisco Ramalho, filmes anteriores ao *Pra Frente, Brasil* (1982) de Roberto Farias.

Em *Escola penal...* as freiras são criaturas sádicas, que se regozijam com a constante tortura das internas. O motivo da prisão das moças é pouco discutido, em geral fútil; são acusadas de “desvios morais”. Há um discurso militar por parte da madre superiora, adorada pelas demais freiras. Os castigos se dão pelos motivos mais banais, e o clima de loucura e sadismo domina a película. As garotas comem lavagem de porco e são chicoteadas, e a freira joga sal em suas feridas. A certa altura se perceberá que a madre superiora é uma impostora, que tomou o lugar de outra, o que não torna a imagens das freiras – sádicas, quase psicopatas – mais sadia. Temos uma possível alegoria de um regime autoritário, algo que seria realizado um ano depois por Ody Fraga em *Reformatório das depravadas* – dessa vez, de maneira mais direta. Abrem-se as possibilidades para uma leitura política do filme, ambientado em meados do governo de Ernesto Geisel, no qual episódios como a morte de Vladimir Herzog estavam ainda muito vivos. Meliande, mais conhecido por seu trabalho como fotógrafo do que como diretor, conseguiu, no subgênero *WIP*, introduzir a tortura em diversos momentos do filme sem que sofresse censura alguma.

A citação da tortura, assunto tabu, voltará com força numa obra de Ozualdo Candeias, *A freira e a tortura*, de 1983. Mas dessa vez a situação se inverte, e a figura religiosa não será nenhuma sádica torturadora. A personagem principal (interpretada por Vera Gimenez) é que será a vítima de um *plot* absurdo, tendo como algoz o policial encarnado por David Cardoso. A essa altura, o tema já vinha sendo explorado de maneira mais aberta no cinema brasileiro. Ody Fraga foi pioneiro em *Reformatório das depravadas* e sobretudo *E agora José? – tortura do sexo*. Sem falar em *Paula, a história de uma subversiva*, de Francisco Ramalho (1980), *O torturador* (Antonio Calmon, 1980), *Tensão no Rio* (Gustavo Dahl, 1981) e *Ao sul do meu corpo* (Paulo César Saraceni, 1982). Normalmente, *Pra frente, Brasil* de Roberto Farias (1982) é tido como filme-marco no que tange à conquista de maior liberdade de expressão, em vista das circunstâncias difíceis em que foi liberado. Assim, causa estranheza saber que *A freira e a tortura* quase foi impedido de ser lançado.

A freira e a tortura ficou interdito durante praticamente um ano até ser liberado pelo CSC¹⁴ em janeiro de 1984. Aproveitando a ocasião de sua pré-estreia, em fevereiro de 1984, foi realizado em São Paulo um ato de protesto contra a censura, reunindo profissionais do setor cinematográfico e personalidades políticas, como Fernando Henrique Cardoso. (LEME, 2011, p. 36)

14. Conselho Superior de Censura.

Era no mínimo curioso que este filme de um cineasta tão singular como Ozualdo Candeias entrasse no olho do furacão de um debate sobre a liberdade de expressão. E o episódio, foi um dentre vários naqueles anos do governo Figueiredo que apontavam para uma liberalização não apenas de filmes com teor político contrários ao já decadente regime, mas também no que tange seus conteúdos “morais”, a sexualidade e outros temas antes tratados com mais cautela¹⁵. Segundo Heffner (2005), pela primeira vez um filme da Boca, de teor erótico, “granjeava a simpatia de parcela expressiva da elite política e intelectual, tornando-se mais um símbolo de luta contra o regime”. Ozualdo, célebre autor de *A margem* (1967) e precursor do chamado “cinema marginal”, já havia produzido obras em que criticava o regime, porém de forma mais discreta.

Antes da *Freira e a Tortura*, eu fiz, nos anos 1970, três médias-metragem criticando o governo militar por determinadas atitudes que havia tomado e que eu não concordava, pois acho que foram decisões que prejudicaram o povo: *Zézero*, *Candinho* e *Senhor Pauer*. Fiz tudo com a câmera nas costas e dei o título de *Trilogia Proibida*. São metáforas sobre os explorados, como o catador de papel, o operário de obra, os caras que põem o dedo pra receber o salário porque não sabem escrever, assinar o nome, que têm armas pra reagir, mas ficam com medo. (Candeias apud REIS, 2010, p.108)

Se havia dúvidas sobre o caráter político do *WIP Escola penal...*, essas não existem quanto *A freira e a tortura*¹⁶. A freira, que se dedica a ajudar pessoas pobres, é de cara tida como “subversiva”, num contexto absurdo. Daí, não demorará para ser interrogada pelo policial. Embora seja freira, aparece sem o hábito ao longo do filme. Logo virá a tortura, cercada de uma ambiência religiosa. A freira apanha com uma coroa de fios; depois é afogada num rio, tal qual num ritual batismal. Mas aqui, é ela o reservatório moral do filme, que não possui apenas uma dimensão política, mas também envereda para uma fábula amorosa (torturada e torturador se apaixonam). Impressiona, de toda forma, como Candeias compõe seu filme, e seu cuidado a relacionar a personagem-vítima a uma ideia de santidade, criticar o regime militar, e ao mesmo tempo não deixar de transitar no universo que caracteriza sua obra.

Candeias convida à reflexão sobre a dualidade das pessoas que, não raro, desempenham papéis profissionais diferentes de suas personalidades. Além da abordagem da resistência ao regime militar e

15. *Coisas eróticas*, de Rafaele Rossi, realizado em 1981, conseguiu liberação em diversas salas de cinema um ano depois, tornando-se o primeiro filme verdadeiramente pornográfico a passar em cinemas brasileiros (exclui-se aqui possíveis fitas “apócrifas”). Daí em diante, a produção de pornochanchadas e do *soft porn* cede lugar de vez à pornografia.

16. *A freira e a tortura* é baseada na peça *O milagre da cela*, de Jorge Andrade.

da violência da polícia política, o diretor imprime atmosfera fantástica ao final do filme – a morte liberta os dois personagens que correm nus para um destino supostamente melhor – o que remete ao final de *A Margem*. (REIS, 2010, p. 193)

Assim, *A freira e a tortura* é, provavelmente, o melhor exemplo de uma protagonista religiosa tornada uma heroína política, vítima de arbitrariedade, ao menos da produção saída da Boca do Lixo. Poucos anos depois, quando quase toda a produção da Boca do Lixo se volta ao pornográfico, ainda encontraríamos figuras religiosas, mas agora em filmes como *Ônibus da suruba* (Sady Baby e Renalto Alves, 1989), no qual o sexo explícito com freiras torna-se frequente.

Imagem 4 – A coroa de fios: referência à coroa de espinhos de Cristo e à tortura por choques elétricos.



Fonte: *A freira e a tortura*. Produção: David Cardoso, Brasil, 1983.

Imagem 5 – Afogada no rio: tortura e batismo a um só tempo



Fonte: *A freira e a tortura*. Produção: David Cardoso, Brasil, 1983.

Padre Pedro e a revolta das crianças e O dia em que o santo pecou

Quando Francisco Cavalcanti, conhecido diretor de filmes policiais da Boca lançou *Padre Pedro e a revolta das crianças* (1984), com Pedro de Lara no papel

principal, sua intenção era realizar um filme para o público infantil. Como vimos, a quantidade de freiras em filmes produzidos na Rua do Triumpho é certamente superior à de padres; via de regras, padres aparecem em papéis pequenos e são ridicularizados. As freiras (e demais figuras femininas) são vividas por atrizes bonitas (Helena Ramos, Vera Gimenez) e podiam satisfazer o olhar masculino, público predominante naquele cinema. Será raro encontrar um padre, e mais ainda, com um papel importante. *Padre Pedro...* quebra esse estigma, nunca tentativa de realização de um filme para crianças. Em linhas gerais, temos uma cidade fictícia – Serinhaém – dominada pelo vilão interpretada por José Mojica Marins (que não se apresenta como Zé do Caixão, mas veste as mesmas roupas do personagem, mesma cartola e suas notórias unhas), chamado Rodrigo Napu. Fábula sobre o poder, em que o padre recém-chegado se volta contra a tirania de Napu. O decepcionante exemplar da Boca do Lixo protagonizado por Pedro de Lara é uma atração *trash*, tentativa de se valer da popularidade do ator¹⁷ para cativar o público infantil.

No auge da popularidade e associado ao júri de Silvio [Santos], foi que Pedro estreou o absurdo *Padre Pedro e a Revolta das Crianças* (1984), tentativa de aproveitar sua enorme "empatia" junto ao público infantil. Como normalmente acontece ao cinema brasileiro, os produtores atiraram em passarinho e acertaram em mariposa: duas décadas depois, o filme dá medo nas (ex) crianças; e deixa chapados os adultos, fãs de cinema tosco, não-convencional. (ORMOND,2007)

O sentido do filme, no entanto, é bastante diferente das representações habituais da Boca sobre religiosos – sobretudo aquelas criadas por Ody Fraga. Padre Pedro é solenemente heroico, figura incorruptível, ainda que em um filme totalmente esquecível. Não encontraremos muitos exemplares de padres, afora os já citados, na Boca. Mas há um especialmente curioso, realizado quase uma década antes de *Padre Pedro...* Em *O dia em que o santo pecou* (1975)¹⁸, segundo longa do diretor Cláudio Cunha, o padre interpretado por Sadi Cabral tem papel coadjuvante, mas importante na trama, supostamente baseada em fatos reais. Maurício do Valle é João Baleia, pescador casado com Mudinha (Selma Egrei). A moça é estuprada por três homens, e Baleia vai à vingança, matando todos. Porém, morre misteriosamente na porta da igreja. Segundo moradores locais, a morte foi causada pelo santo – a estátua de São Sebastião da igreja – , tal qual um milagre. Aqui, há uma proximidade com a ideia de hierofania no cinema,

17. Figura bastante popular à época em programas do SBT, como jurado de calouros.

18. O roteiro é de Benedito Ruy Barbosa, também produtor da película.

segundo definição de Vadico (2016): o momento em que o sagrado se manifesta na tela. Não há no filme a imagem dessa manifestação, apenas os relatos e a boataria dos moradores locais, que afirmam ter visto um “clarão” na igreja à noite. Porém, antes da morte de João Baleia, ele havia desafiado o santo, na porta da igreja. A cena, solilóquio de Baleia, é realizada com forte ventania, como se houvesse uma resposta sobrenatural. Como resultado, a estátua do santo é condenada por homicídio e presa; e após ameaças da população, é devolvida para a igreja, agora sob “prisão domiciliar”. O *plot nonsense* talvez seja pretexto para o ridículo das autoridades, num filme produzido no começo dos anos Geisel. De toda forma, é um registro curioso sobre a força da religião em um filme da Boca do Lixo, que tem na estátua do santo (e na fé dos moradores) curioso personagem.

Imagem 6 – José Mojica e Pedro de Lara: duelo do bem contra o mal em tosca fábula infantil.



Fonte: *Padre Pedro e a revolta das crianças*. Produção: Plateia Filmes, Brasil, 1984.

Considerações finais

As representações de figuras religiosas na Boca do Lixo, via de regra, parecem não se desviar de certo padrão, ou estereótipo, comum no cinema brasileiro e já comentado neste trabalho. No entanto, em uma amostragem relativamente pequena de filmes, conseguimos identificar diferentes sentidos e estratégias de composição, e notar que, se em obras como *A árvore dos sexos* o clichê do padre pudico, moralista e falso perdura, também há um sentido de sátira à autoridade, seja espiritual ou laica. No caso das obras roteirizadas e dirigidas por Ody Fraga, esse sentido se amplia: sentimos, em *Palácio de Vênus*, que o ridículo do sacristão e da “prostituta beata”, bem como da sátira à ultraconservadora TFP se alinham ao espírito de redemocratização do país, da Lei Geral de Anistia, bem como aos demais sentidos políticos do filme, que se referencia ao

renascimento do movimento sindical no Brasil. *A freira e a tortura*, quando lançado em 1983, já tinha à frente uma dúzia de filmes que abordam o tema da tortura; mas por circunstâncias específicas, viu-se no âmago de um debate fundamental sobre a liberdade de expressão, na época em que a articulação pela campanha das Diretas Já se adiantava. E o cinema *Woman in Prison* da Boca, que hoje parece de lembrança tão distante, se já havia mostrado o potencial para a alegorização da ditadura civil-militar no *Reformatório das depravadas* de Ody Fraga, também permitia que o assunto da tortura e da prisão de “elementos subversivos” reaparecesse, ainda que veladamente.

Não obstante as representações jocosas da “freira” em *Pornô!* e outras “pérolas” da época, perdura o sentido político, seja o diegético, seja aquele exterior ao filme, pois que o ridículo da religião e do sagrado era também prova de que a censura já não tinha a mesma força e o regime se aproximava do fim. Como vimos, houve espaço para curiosidades como *Padre Pedro e a revolta das crianças* – este, desprovido dos sentidos políticos dos demais filmes da época, sem nenhum atrativo estético ou narrativo maior, parece candidato ao esquecimento fácil. *O dia em que o santo pecou* trazia na direção Cláudio Cunha, que poucos anos depois seria reconhecido como um dos grandes diretores da Rua do Triunfo e que, neste longa-metragem, consegue um pequeno milagre: se aproxima da realização de uma hierofania, talvez o mais próximo que se chegou numa produção “não-escrachada” da Boca do Lixo.

Referências

ABREU, Nuno César. *Boca do lixo: cinema e classes populares*. Tese (Doutorado em Multimeios) – Universidade de Campinas, Campinas, 2002.

BERNARDET, Jean-Claude. *Historiografia clássica do cinema brasileiro: metodologia e pedagogia*. São Paulo: Annablume, 2008.

CÁNEPA, Laura Loguercio. Pornochanchada do avesso: o caso das mulheres monstruosas em filmes de horror da Boca do Lixo. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*. E-compós, Brasília, v.12, n.1, jan./abr. 2009.

FRAGA, Ody. Entrevista a Filme Cultura. In: *Filme Cultura*: edição fac-similar 43. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, CTA, 2010.

HEFFNER, Hernani. Ozualdo Candeias: A Freira e a tortura. 2005. In: *Portal Brasileiro de Cinema*. Disponível em: <http://www.portalbrasileirodecinema.com.br/candeias/filmes/longas/04_03_08.php>. Acesso em: 10 jun. 2018.

LEME, Caroline Gomes. *Cinema e sociedade: sobre a ditadura militar no Brasil*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

ORMOND, Andrea. Padre Pedro e a revolta das crianças. *Estranho Encontro*. 18 set. 2007. Disponível em: <<http://www.estranhoencontro.blogspot.com/2007/09/padre-pedro-e-revolta-das-crianas.html>>. Acesso em: 10 jun.2018.

REIS, Moura. *Ozualdo Candeias: pedras e sonhos no Cineboca*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2010. (col. Aplauso)

STERNHEIM, Alfredo. *Cinema da Boca: dicionário de diretores*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2005. (col. Aplauso)

VADICO, Luiz. *Cinema e religião: perguntas e respostas/ Luiz Vadico (org)*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

_____, Luiz. *O campo do filme religioso: cinema, religião e sociedade*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

Filmografia

O dia em que o santo pecou, de Cláudio Cunha (1975)

Escola penal de meninas violentadas, de Antônio Meliande (1977)

A freira e a tortura, de Ozualdo Candeias (1983)

Padre Pedro e a revolta das crianças, de Francisco Cavalcanti (1984)

Palácio de Vênus, de Ody Fraga (1980)

Pornô!, de David Cardoso, John Doo e Luiz Castellini (1981)